

DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**DE SANTA  
≡ RITA ≡**O "LIMPA-CHAMINÉS,"**

Por ALEXANDRE GAMA—Premiado da série A

Desenhos de Adolfo Castané

**L**IMPA-chaminés!... Limpa-chaminés!...

Assim apregoava um rapazito, pálido, magro, olhinhos vivos e inteligentes, miseravelmente vestido, compridos paus sobre os ombros já cançados, e que, a custo, ia subindo aquela íngreme ladeira lá da aldeia...

Limpa-chaminés!...

Limpa-chaminés!... — ia repetindo na sua voz infantil. Ia triste e desanimado, pois o dia principiava mal, e já, na véspera, o patrão, que o contratara a trôco, apenas, duns míseros bocados de pão, a que ele pomposamente chamava — a ceia — lhe havia feito sentir todo o peso da sua mão brutal, vendo, apenas, no fundo da sacola, algumas — e bem poucas! — moedas de cobre.



Orfão de pai e mãe, o rapazinho vivia entregue àquele homem, de aspecto duro e carregado que o recolhera, e a quem ensinara a a sua profissão. A princípio levava-o consigo e tornara-o seu ajudante, varrendo, segurando os paus e trepando até ao ponto mais alto da chaminé, onde se tornava necessário limpar, visto que, ágil e magro, mais facilmente ele se segurava. Mas as cousas iam cada vez pior, — (dizia ele) — e assim necessário se tornava ir cada um por seu lado governar a vida. Quando, porém, o pobre rapaz nada apurava, era sempre brutalmente tratado, e recebido com censuras e repreensões.

— «Entra aqui, rapazito, por essa porta»... assim dizia uma criada do antigo palacete que pertencia a uma das mais nobres famílias do lugar. Nêle viviam, apenas, duas senhoras, únicas descendentes daqueles que, outr'ora, todos conheciam pelos «Senhores da aldeia»... E o rapazito lá foi, no cumprimento do seu trabalho, limpar a chaminé dum antigo fogão de sala, contente agora na esperança do ganho que não tardaria, e por certo iria contentar, à noite, quando fôsem horas de recolher, o seu severo patrão. E o trabalho lá seguiu, e a vassoura e o pau não descansavam agora... Mas, ao tocar em certa



(Continua na pag. 3)



# AMIZADE PURA

Por Armando Vilela Moraes  
Desenhos de A. Castané

Premiado da Série B

— **M**INHA mãe! ! Que suave é o ritmo da ópera que ontem ouvimos no teatro! Quem foi o seu autor? — perguntava um endiabrado garoto, de 9 anos, a sua mãe, uma senhora de nobres sentimentos e dotada dum excelso coração maternal!

— O compositor de tam sublime poesia musical, foi o célebre Haëndel!

— Quem foi êsse Haëndel, mãisinha?

— Um compositor alemão que morreu cego em Londres, em 1759, e coroado de glória com o inigualável oratório de *«Israel no Egito»*!

— ¡Quem me dera possuir tam elevado espírito artístico, minha mãe!

Esta frase fôra modulada de tal modo por Dino, nome porque era tratado, familiarmente, o travesso e inteligente pequeno, que sua mãe não se conteve sem que o beijasse e o apertasse de encontro ao peito, dizendo:

— Quem sabe, filho! Talvez venhas a ser como um dos homens cujos nomes ficaram gravados na história da música! ! Para isso, deveis estudar, sempre, com persistência! E por largo tempo ficaram mudos e absortos,



sendo acolhidos com prazer pelo diligente Dino que os conduzia a uma ampla sala, precisamente aquela em que já se exercitava no culto das belas-artistas.

Dino era um rapazinho a quem o ânimo ao estudo não afrouxava. O seu jôvem espírito já revelava alguma coisa de importante: a melodia de suas sonatinas. E nessa noite, entre rosas e sorrisos, conseguira, mais uma vez, obter um êxito extraordinário ante a expectativa dos circunstantes.

Anos depois, estando Dino, chamêmos-lhe agora Amadeu, passeando, numa tórrida tarde de Julho, sób a fresca sombra dos plátanos dum jardim, encontrou um seu amigo íntimo, pessoa a quem dedicava especial afeição, pois, mal cuidava que tratava com um destes «amigos imprudentes». Cumprimentaram-se, e o falso amigo logo lhe dirigiu estas palavras à queima-roupa:

— És um réles praticante musical, segundo dizem os periódicos e...

— ¡Estimo muito! Com que então já anda o meu nome pelos periódicos?! Claro que só por troça! — preferiu Amadeu, rindo-se despreocupadamente, mais aumentando, assim, a inveja do seu «amigo», que mordida os lábios, numa indecisão.

Passados, porém, alguns momentos, volvia-lhe com a maior desfaçatês:

— ¡Sabes, Amadeu, para te confessar a verdade seria melhor desistires dos teus intentos, pois, como deves compreender, já ninguém acredita na pureza do estilo das tuas composições! ¡Como «sincero amigo» aconselho-te a que abandones a carreira das belas-artistas!

Iam, assim, conversando, até à praia próxima, perto das ondas que, indiferentes ao diálogo, vinham estender seus alvos mantos arrendados sobre a areia fina, ou bater com fragor contra as rochas descarnadas da praia.

Quando passavam perto duma furna, o falso amigo, que se chamava Carlos, convidou-o a examiná-la,



enquanto uma vizinha acabava de executar, ao piano, uma inspirada ópera de Haëndel.

O dia amanhece alegre e festivo. Os montes, vestidos de galas, ora de rosas-silvestres, ora de plátanos ou de pinheiros seculares, sobranceiam a vasta e verdejante campina que vem morrer perto da sóbria moradia de Dino. A própria Natureza compartilha da alegria e satisfação do pequeno que completa, nesse dia, 15 anos. Sua mãe presenteia-o com a docura do seu amor e belos exemplos morais.

Os convidados vão entrando, sorridentes e afáveis,



# 3.º CONCURSO MENSAL PARA COLORIR

## de POESIAS E CONTOS INFANTIS

Concorrente classificada



Maria Alda Neves da Graça  
Mira

Série C do 1.º e 2.º Concursos

Está aberto, desde o princípio do mês corrente, o 3.º Concurso desta 1.ª Série, cuja nova lista de prémios publicaremos no próximo número.

Aconselhamos os concorrentes de qualquer das séries A, B ou C, a que nos enviem composições que não excedam duas páginas de papel almaço e a que, de preferência, escolham, para tema das suas produções, assuntos alegres e facilmente assimiláveis à inteligência dos pequeninos leitores a que se destinam.



## A DIVINHA MUSA INFANTIL

### O CASTIGO

I

A Lili veio, a chorar,  
Como uma vide talhada!  
Nada há para a consolar,  
Que ela não atende nada.

II

E' que, voltando, apressada,  
Dum passelo pela aldeia,  
Viu, toda desesperada,  
Um buraco num meia.

III

A mãe, (como ela, amuada,  
A razões não atendesse),  
Deu-lhe uma agulha enfiada  
E ordenou-lhe que a cosesse.

Madalena Taveira

### Qual a cousa, qual é ela?

I

Sou de grande rectidão,  
sou de madeira ou metal,  
e uma das mais lindas vilas  
dêste lindo Portugal.

II

Porque ao vício dou guarida,  
sou da Igreja coisa ingrata,  
mas no fim da minha vida,  
acabo sempre em beata.

### Solução das anteriores

- 1 — Caneta  
2 — Pirlampo



Meus meninos:

Na Mandchúria está este  
soldado japonês, do exército  
do general A-KA-TU.

Onde está o general?



# MÁS COMPANHIAS

Por MARIA AFONSO OEIRAS (TOUTINEGRA)

PREMIADA DA SERIE C



ARIAZINHA já estava um pouco cansada de percorrer as bem cuidadas ruazinhas daquele jardim público, empurrando o carrinho da sua linda bopeca.

A avó, a santa avózinha, aguardava-a a distância, sentada num dos bancos, fazendo as habituais malhas, que, de quando em quando, distribuía pelas criancinhas pobres.

— Avó, — (chamava Mariazinha, sentando-se ao pé dela) — converse comigo, conte-me coisas.

D. Teresa assim fez; guardou o *crochet*, tirou os óculos e, com um sorriso no rosto engelhadinho, puxou a si a neta, e disse: — Pois sim, Mariazinha, vamos conversar um pouco, aspirando a perfumada brisa d'este final de dia, divinalmente belo. Vou contar-te um facto passado quando esta tua avózinha era, como tu, jóvem e bela; facto que bem merece toda a tua atenção; escuta:

Quando eu tinha dez anos, ia a casa da minha mãe, coser e engomar roupa, uma mulher chamada Ana que possuía uma filha linda: a Rosita, como todos a tratavam, por se chamar Rosa e ser como esta flôr bela e gentil. Essa garota ficava sózinha em casa durante todos os dias da semana, excepto aos domingos, dias em que a mãe não ia trabalhar e às quintas-feiras, dia em que, como não tinha aulas, ia brincar comigo. Passávamos esses dias deliciosamente.

Certa quinta-feira, Rosita veio como de costume e, logo de manhã, fomos brincar para o jardim até à hora do almoço, que comíamos sempre com apetite, após sal-



tarmos a corda e outras semelhantes brincadeiras. Depois do almoço, dirigimo-nos à casa dos brinquedos, onde eu, que adorava histórias, as lia alto, enquanto Rosita se entretinha com todos os meus brinquedos. Depois do lanche, eu ia dar lição de piano e Rosita ficava a brincar, sózinha.

Nesse dia, durante todo o jantar, Rosita pareceu-me preocupada, olhando, de quando em quando e sempre a medo, um dos móveis, que tinha em cima seis jarrinhas que meu paizinho trouxera da Holanda. Fimdo o jantar, só eu e a Rosita ficamos na sala e, como ela me pedisse um



livro de histórias para ler em casa, saí a buscá-lo. Quando voltei, ela já estava no corredor, apertando contra si um velho casaco, que fora meu.

Despedimo-nos e Rosita saiu com a mãe; então, ao fecharem a porta, ouviu-se um estrondo, semelhante ao baque dum corpo e um tilintar de louça que se parte. Minha mãe e eu dirigimo-nos à escada, apressadamente. Mal chegámos, notamos que Rosita se levantava e, brilhando sobre o encerado, vimos fragmentos de louça igual à das jarrinhas que tínhamos na sala de jantar. Minha mãe retirou-se por momentos, voltando com quatro jarras apenas e dirigindo-se a senhora Ana, disse-lhe: — Ana, ensine a sua filha a não mexer no que lhe não pertence!

— Então, a mãe de Rosita, sufocada pelo choro, voltou: — Perdõe-me, senhora D. Laura; quem tirou as jarrinhas fui eu mas tencionava trazer-lhas novamente.

— Então porque não mas pediu?! — E, dizendo isto, minha mãe retirou-se, chamando-me.

Na manhã seguinte acordei ouvindo grande alarido; ergui-me e fui ver... Era Rosita que subia a escada chorando. Assim que viu minha mãe, deitou-se-lhe aos pés. Esta, muito a custo, levantou-a, pedindo-lhe que cessasse de chorar e dissesse ao que vinha.

Então, Rosita explicou: — Era mandriona e detestava o Colégio. Todos os dias prometia à mãe não faltar às aulas mas só tarde se levantava e em vez de estudar ia brincar com os garotos da rua, quasi sempre maus e mal educados. A mãe já lhe fizera ver, a inconveniência dessas más companhias mas ela jamais a atendera. Num dos dias anteriores à quinta-feira que passara, recebera em casa uma garota que lhe mostrara uma imagem de Santo António num pequeno altar com a respectiva toalha e as pequeninas velas, dizendo-lhe ser tudo aquilo para armar no patamar da sua casa, nas vésperas do dia de Santo António, e pedir aos transeuntes esmola para aquele santinho. Bom dinheirinho havia de apurar! Ouvindo-a, Rosita entusiasmou-se. Propôs, então, a garota que a deixasse pedir, também, na sua companhia. A outra, porém, voltou-lhe: — Deixo, se tu trouxeres umas pequeninas jarras para as pôr, com flôres, sobre o altar; ficará muito mais bonito! Uma vizinha minha tem duas jarrinhas para o altar dela e eu não!

— Não tenho jarras, respondeu Rosita, cheia de peria.



# REVIVER

Por FLOR DE LYZ — Desenhos de A. Castañé

Premiadada Série C

Não tenho sono ainda, minha avó!  
Mandaram-me deitar, mas vem também!  
Quero ouvir-te cantar, antes do «6-6»,  
Cantigas que cantaste a minha mãe!

Assim, vou reviver a infância, ainda,  
que ela viveu, entregue ao teu abraço...  
E vou adivinhá-la, muito linda,  
deitadinha, a sorrir, no teu regaço...

Eras nova, também. Tudo sorria!  
Tuas palavras eram preces, rezas...  
Após tua canção, adormecia,  
sonhando com rainhas e princesas!

E tu, minha avózinha, em teu enleio,  
De mãe feliz, ditosa, enternecida,  
Entre beijos, cingias ao teu seio,  
a filha pequenina, adormecida...

O tempo foi passando... Ela cresceu  
E teve, como tu, ância secreta...  
A pequenina loira, hoje, sou eu...  
Não sou tua filhinha... mas sou neta!

Anda! Vem-me cantar essa canção!  
Não vês que quero adormecer, também?!  
Eu pertencço-te de alma e coração,  
Porque uma avó é duas vezes mãe!

FIM



— Compra-as, voltou-lhe a outra. — Não tenho dinheiro!  
— Então rouba-as, se quiseres! Sem elas não pedirás  
comigo para Santo António. E retirou-se, soberba.

No dia seguinte, Rosita foi para a minha casa, viu as  
jarrinhas e não pôde resistir à tentação. Tirou duas, ten-  
cionando trazê-las novamente mal acabasse a pedincha.  
Deus, contudo, não quisera, fizera com que elas caíssem e  
se quebrassem, descobrindo-se tudo.

Quanto depois se arrependera! Sua mãe tomara sobre  
si aquela feia acção, mas, até casa e durante aquela com-  
prida noite, não cessara de chorar, sem reparar nela, que  
não sabia como não endoidecera de remorsos.

E ali estava pedindo perdão ou que a castigassem só  
a ela; que a não quizessemos lá mais, a brincar comigo e  
com os meus lindos e inúmeros brinquédos mas que con-  
tinuassem a dar trabalho à pobre mãizinha que não fôra  
culpada.

Eu e minha mãe estávamos comovidíssimas.

Apareceu, então, a senhora Ana, cheia de aflição, pro-  
curando a filha. Minha mãe, além de perdoar, deu-lhes  
um quarto que ambas habitariam dali em diante. Assim  
Rosita estando sempre comigo, ver-se-ia livre das más  
companhias, que são sempre perniciosas.



# Preços de Lisboa

Por ODETTE DA PIEDADE PASSOS

Desenho de Castañé

PRMIADA DA SÉRIE A

Manhã cedo. O sol dourado  
a tudo vai dando cor;  
há já vida na cidade,  
já nela se ouve rumor.

Vendedores ambulantes,  
começam a aparecer.  
Vamos lá ver, ó freguezas,  
o que trazem p'ra vender?!

Oito horas, à nossa porta,  
passa agora a tia Chica.  
Com sua voz compassada,  
apregôa:— «Fava rica!...»

Lá vem, também, a peixeira  
com seu trajo pitoresco,  
dizendo:— «Ó viva da costa»  
ou, então:— «Carapáu fresco!»

E agora, de tôda a parte  
se ouve gente que apregôa,  
gritando:— «Quem quer laranja,  
quem compra laranja boa?!»



«Merca o cabaz de morangos...»  
«Olha o *Século*, o *Noticias*,...»  
«O' boa amora da horta!...»  
«Quem quiere ameijoas p'r'arroz...?»

«Erre, erre, mexilhão!...»  
«O' pescadinha marmota!...»  
«Compra o raminho de flores!»  
«O' figo de capa-rotá!...»

E com a lata no braço,  
fresquinha qual frêsko arroio,  
passa a linda vendedeira,  
cantando:— «O' queijo saloio!...»

E tudo lá vão deixando  
p'la cidade, os vendedores.  
Mas, para ganhar a vida,  
que canseiras, que suores!

F I M



Foi solene o silêncio que se seguiu a esta narração, silêncio que Mariazinha cortou, exclamando:

— Avó, como a sua mãizinha era boa! Que pena que todas as meninas não tenham uma avózinha bondosa como a minha, que as acompanhe, fazendo-lhes ver o que é bom e o que é mau!

— Assim é, minha nêtinha; são preciosos os conselhos dos mais velhos. Nunca o esqueças e, vamos até casa... E' chegada a hora de jantar.

E sumiram-se, enlaçadas, por detrás duma roseira florida que exalava um perfume delicioso.

## CORRESPONDENCIA

Berta Sobral:— Acuso recebido o conto *Arrependimento* que, apenas, peca por ser um pouco longo, motivo porque não poderá ser publicado.

Mário Pereira:— Podes mandar os desenhos e as adivinhas. Se forem dignos de figurar no «Pim-Pam-Pum» serão publicados.

Sempre às ordens,

TIO PAULO

### Colaboração Infantil



F I M



dizendo-lhe êle que se não quizesse, o faria êle só, ao que Amadeu lhe replicou, prevenindo-o.

— Cautela, Carlos! Não seas imprudente! O mar, aí, é traçoieiro!

Porém, Carlos insistia:

— O que tu tens é medo! E para lá se dirigiu, enquanto Amadeu sentado num calhau, ruminava no que lhe havia dito o seu «amigo» no jardim. Pouco tempo depois, uns gritos lancinantes de socorro despertaram-lhe a atenção. Eram de Carlos, que fôra surpreendido por uma onda a qual, entrando na fuma, o arrastara consigo. Então, Amadeu, sem hesitação, lança-se ao mar, nadando com pericia; uma onda colossal, como barreira líquida, fizera submergi-lo, reaparecendo junto do desgraçado Carlos.

Instantes passados, atingiam a praia, que se encontrava coalhada de numeroso público estimulado pela cêna que acabava de ocorrer. Uma estrepitosa salva de palmas acolhera Amadeu e Carlos que, de rosto ruborizado, se joelhava aos pés do seu salvador e amigo.

— Perdoa-me, Amadeu! Sou um imbecil! Foi a inveja que fez com que eu te aconselhasse a abandonar os estudos! Perdoa-me! Serei sempre teu verdadeiro amigo e oxalá te possa comprovar!

De facto assim succedeu: Carlos recebera um sublime exemplo de moral.

E numa certa noite, num luxuoso teatro de Berlim,



exibia-se a magnífica «Nozze de Figaro» composta por Amadeu, num estilo elevado e maggestoso.

Compôs, também, outras obras belas pelo seu purissimo estilo, como a «Flauta Mágica», «Dom João», e um «Requiem», que, sendo o seu canto de cisne, e celebrizou. Deyels ter já adivinhado quem foi o compositor de tam belas sonatas, e cujo nome, como sua mãe antevera, ficou gravado na história da música. Foi Wolfgang Amadeu Mozart.

## O «Limpa Chaminés»

(Continuado da pagina 1)

taipa que a fuligem e o pó mais e mais haviam enegrecido, um som diferente parecia denotar, ali, a existência dum metal. A descoberto, agora, já livre da poeira, uma argola de ferro surgia bem patente... A principio não conseguia fazê-la mover, mas, ao cabo de alguns minutos, vergada à fôrça dum varão de ferro, consegue deslocá-la, e, com ela, desarradar uma espécie de alçapão que era, nem mais nem menos, um antigo cofre-esconderijo, onde, certamente, os antepassados da família, guardavam os seus mais preciosos haveres. E agora, ante

os seus olhos, extático e deslumbrado, o pòbrezinho contempla moedas que nunca vira, joias que desconhecia e só em contos de fadas poderia ter imaginado!... Mas... era uma verdadeira riqueza, ali... ao alcance da sua mão... Nunca mais precisaria trabalhar, e, sobretudo, nunca mais sofreria os maus tratos e brutalidades do patrão com quem trabalhava... Então toda uma vida de venturas se atravessou na sua mente... Mas a noção bem clara do seu dever, depressa o volveu à realidade! Aquela fortuna não lhe pertencia. E á voz

da sua consciêcia, correram as Senhoras fidalgas do solar que, admiradas pelo inesperado do achado, o não estavam menos pelo coração daquele que, assim, tão nobremente, procedia...

Escusado será dizer que Deus não poderia deixar ficar sem prémio um acto bom e uma acção digna de louvor... O pequeno *Limpa-chaminés* já não vagueia pelas ruas da aldeia, com seu pregão costumado... Frequenta, com aproveitamento, o liceu na cidade vizinha e nas férias trás a alegria e o encanto da sua mocidade até junto das duas boas senhoras que a caridade transformou em suas bemfeitoras e de quem, certamente, virá a ser, um dia, o único herdeiro. E até o seu antigo patrão compartilhou duma boa acção, pois não pôde ser esquecido daquele que, em tempos, o agasalhou, embora nem sempre tivesse sido para êle como a sua consciêcia, se fôsse justa, lhe aconselharia a que fôsse... O antigo *Limpa-chaminés* divide sempre com o que foi seu amo o prémio das suas boas notas e dos seus trabalhos.



■ F I M ■



# A LUA TAMBÉM TEM CARA

Por *Maria Antonieta Faustino Fernandes*

Premiada da Série B

— «Zéquinha, então?  
Não vens p'rá caminha,  
Não?  
Amanhã estarás maçado.  
Ficas em casa, deitado,  
Que vergonha,  
Mandrião!»

— «Vou sim, mãizinha  
Vou já.  
Mas chega aqui,  
Anda cá:  
Quási sôbre aquela rua  
Lá muito longe, distante,  
Não vês a-Lua?!  
— Parece um balão gigante —  
Ora olha bem! Repara!  
Pois não é certo, maizinha,  
Que a Lua também tem cara?...  
— «Não, meu filhinho,  
Não tem!»  
— «Porque estás a rir, ó mãe?  
Esta certeza não muda.  
Não vês a bôca que tem,  
Os olhos, nariz e tudo?...  
Pois não vês?  
Repara bem!  
E diz'-me, também, maizinha:



— Quem é que manda o Luar  
Que está na minha caminha  
Sempre que me vou deitar? »  
— É a Lua, meu filhinho,  
Que recebe a luz do Sol,  
E a reflecte, com carinho,  
Para tornar mais branquinho  
O teu branquinho lençol...

.....  
Mas é tam tarde,  
Zéquinha!  
São horas. Vai-te deitar.  
Vamos: um beijo à mãisinha,  
Adeus!  
Basta de falar!» —

.....  
Dai a poucos momentos,  
O Zéquinha adormeceu.  
E quem a Lua fitasse  
Veria,  
Que ela sorria,  
Para as êstrelas do Céu!...



■ F I M ■